

A SEXUALIDADE MASCULINA E A PARAPLEGIA: UM ESTUDO DE CASO

Luiz Carlos Avelino da Silva - I.P. U.F. Uberlândia
Paulo Albertini - I.P. Universidade de São Paulo

Resumo

Neste trabalho a sexualidade masculina é colocada em discussão a partir da condição de pessoa deficiente, em que a lesão medular exige um re-posicionamento em relação às representações tradicionais de masculinidade. Assim, apresenta-se um estudo de caso sobre a história de vida de um homem jovem/adulto com paraplegia adquirida, cujo objetivo principal foi investigar como o seu corpo é representado e qual é o impacto disso na sexualidade masculina. Para isso traçou-se um percurso visando o estabelecimento de um quadro conceitual sobre as deficiências de modo geral e as paraplegias adquiridas em específico, a sexualidade e o corpo. A opção metodológica foi por uma abordagem qualitativa, na qual analisou-se a história de vida, coletada via entrevistas semi-estruturadas. As principais conclusões apontam para o papel de mediação exercido pelas representações do colaborador sobre a deficiência, nas diferentes relações e vínculos que estabelece, e a busca de formas de viver a sexualidade que valorizam a singularidade da própria experiência em detrimento dos modelos existentes antes da lesão medular. No que se refere à masculinidade, ocorre um deslocamento das representações existentes no meio, associadas à força, à virilidade e também à violência, para um posicionamento interno, oferecido por uma mulher que o reconhece como homem.

Palavras chave: deficiência física, sexualidade masculina, gênero

Abstract

In this work, the male sexuality is set to discussion henceforth the condition of the handicapped person, in which the medullar injury requests a repositioning in relation to the traditional representations of manhood. This way it is presented a case study about the history of life of a young-adult man having acquired paraplegia, with the main objective of investigating how his body is represented and what is the impact of this on male sexuality. For this it has been set a path targeting the establishment of a conceptual figure about the impairments in a general sense and the acquired paraplegias specifically, the sexuality and the body. The methodological option was a qualitative approach, in which it has been analysed the history of life, collected via semi-structured interviews. The main conclusions lead to the arbitration role exerted by the representations of the co-operator about the impairment, in the different relationships and bonds which he establishes, and the search for ways of living the sexuality which value the peculiarity of the own existence to the detriment of the existing models before the medullar injury. In relation to the manhood, there is a dislocation of the representations occurring in the social background, associated to strength, manhood and violence as well, towards an inner positioning, offered by a woman who recognizes him as a man.

Key words: physical impairment, male sexuality, gender.

A sexualidade em portadores de paraplegia é um problema que se cerca por aproximações. Primeiro a questão remete a aspectos subjetivos da sexualidade. Segundo coloca a questão de gênero, com as nuances suscitadas pela derrocada das representações que tradicionalmente ofereceram um modelo positivado de homem (NOLASCO, 2001) remetendo ao macho viril dominador, que a exemplo dos heróis míticos, dominava a natureza

O corpo dos paraplégicos, na região abaixo da lesão, é insensível a estimulação tátil, o que coloca algumas questões complexas diante de um desejo sexual que persiste apesar das sequelas. Por um lado aponta para a amputação (há um perda real, e não simbólica como na castração) de uma parte da sexualidade (a genital), pois não há regiões excitáveis, passíveis de serem erógenas. Por outro, indica um caráter exclusivamente representacional para a sexualidade.

Diferentes autores, por mais que tirem a sexualidade da ordem das necessidades naturais, ressaltando sua relação com o desejo, o humano e a subjetividade, em algum momento de suas teorizações, o corpo vivo impregnado de organicidade grita seu papel de fonte de pulsões. A sexualidade é construída na relação com a angústia, gerada pela falta, incompletude e precariedade da condição humana. O que vemos nos paraplégicos e tetraplégicos, em termos de desejo, não difere muito das pessoas que dispõem de um corpo pleno, ou no mínimo, satisfatório, que se lançam à vida. O desejo está preservado, é isso que pensamos.

Não se confundindo com a genitalidade, a sexualidade sustenta-se no desejo, gerado a partir de uma falta, que produz tensão, impulsionando a busca de um objeto, externo ao psiquismo/corpo erógeno, que a aplaque, ainda que parcialmente. Porque esse objeto não é determinado à priori pelos instintos, a sua busca visa a aplacar algo que também não é da ordem do natural, da necessidade, mas do humano: o sexual. Essa busca faz do homem um ser sexual, porque incompleto, e histórico, na medida em que na busca dessa ‘satisfação parcial’ traça um percurso, faz história e constrói sentidos.

SEXUALIDADE MASCULINA E A DEFICIÊNCIA

A literatura sobre as questões relacionadas à sexualidade de homens com lesão medular, tem quase que unanimemente apontado para as concepções que os portadores têm a respeito do ser homem, da sexualidade masculina e da própria masculinidade. .

Faro (1991) considera de que a sexualidade de lesados medulares se pauta por uma concepção de masculinidade estereotipada, o que contribui para o sentimento de baixa estima. A própria idéia tradicional de masculinidade é muitas vezes confundida com o tripé: macho, heterossexual e potente (viril), em que o primeiro termo converge para o segundo (em oposição aos adjetivos pejorativos designados aos não-machos, ou emasculados) e se concretiza com o exercício do terceiro termo, a potência sexual.

Santos (2002), diante das críticas e novas exigência apresentada aos homens, criticou o modelo de homem ‘Rambo’ , aludindo a ‘virilidade emocional’. A sexualidade masculina, de modo geral, tem recebido um tratamento que muitas vezes a remete ao cômico, como mostram alguns títulos de livros. O mais ‘emblemático’ é “*Superp^otência*”, (DANOFF, 1998), cujo conteúdo pode ser sintetizado na frase ‘o pênis é o homem’. Lann e Couzens (1998) autores de “*A solução Viagra: a cura da impotência*”, também fazem a apologia da virilidade, entendida como o pênis ereto. A obra passa ao largo de trabalhos sérios sobre o Viagra. Na mesma linha de associação do pênis ao poder Coria (1996) mostra a relação entre a masculinidade e dinheiro na qual este uma é útil para substituir a potência sexual.

Carvalho (1995) defende que a tradicional posição do coito familiar não é natural. Segundo o autor, tal posição é decorrente de um tempo em que as mulheres eram caçadas e subjugadas sexualmente através do estupro.

Na mídia impressa o tema sexo é um bom chamariz de vendas. O fato é que esses impressos quando se dirigem à sexualidade masculina, apontam para um homem que responde a uma idéia de masculinidade que, mesmo ciente e cúmplice das mudanças provocadas pelas novas formas das mulheres se posicionarem em relação à sociedade, à sexualidade, a vida, e as novas exigências do tempo e da modernidade, ainda buscam um modelo que rui diante da falta de resposta erétil. Neste contexto, não são raras as reportagens patrocinadas por multinacionais fabricantes dos referidos remédios para a cura da impotência.

A questão – e crítica – que se coloca aqui, não é contra o uso do Viagra ou outros vasodilatadores, mas à representação social de homem que o seu uso sustenta. A ordem econômico-social devolve aos homens, sob a forma de produto, aquilo que ela lhes rouba/suga com o trabalho estressante e a baixa qualidade de vida. A impotência sexual virou ‘business’.

Nolasco (2001) fez uma constatação lamentável: a associação da violência à masculinidade. É interessante destacar que a maioria das vítimas de lesão medular (aproximadamente 70%) é constituída de homens, entre 18 e 50 anos, em que a causa é fruto da violência: armas de fogo, trânsito e mergulhos em águas rasas, o que pode ser associada à exibição de masculinidade. Segundo Nolasco, os homens estão expostos também a um outro tipo de morte: o fim da sua representação social.

Quanto à sexualidade dos homens brasileiros, no livro “Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos” (COSTA, 1994), o que salta entre os textos dos diversos autores é a figura de um homem confuso entre seus antigos papéis – como o de provedor e protetor da família – e diante da nova mulher que se configurou após os movimentos feministas. Por outro lado, além de ser homem diante das mulheres, os homens o são, ou no mínimo almejam sê-lo, diante de outros homens. Essa alteridade masculina, historicamente constituída como representação social, assemelha-se a um brucutu.

Gabeira (1986), posicionando-se na discussão, parafraseia Beauvoir (s/d) e afirma: “os homens não nascem homens, eles são feitos homens” (GABEIRA, 1986, p.11). A citação é importante, não na medida em que o vir a ser denota um percurso existencial, mas na medida em que os homens são feitos homens pela ação do Outro. Voltamos a nos deparar com uma imagem representacional na qual os homens se miram.

Nolasco aponta que a maneira como cada homem se aproxima das exigências sociais depositadas nas representações sociais da masculinidade, aliada ao arranjo emocional que estabelece com a vida e com seus recursos internos, podem aproximá-lo ou afastá-lo da consolidação de seu sentimento de identidade (Op.cit., p.71). As perturbações pessoais que podem surgir nos homens relativas a essas exigências sugerem um homem reduzido ao exercício de seus genitais.

Em sua conclusão o autor referido indica que com a derrocada da representação tradicional da masculinidade, certamente defrontar-nos-íamos na atualidade com um homem sem imagem para se mirar e articular sua masculinidade; seja pela aceitação passiva dos papéis que historicamente lhe são impostos, seja pela negação. Nesse contexto a violência identificada por Nolasco seria um recurso extremo, em que a agressividade é a resposta possível ao sofrimento

Quanto à sexualidade dos paraplégicos e a sua identificação com o masculino, tradicionalmente a ênfase tem recaído principalmente sobre os aspectos biológicos, aos quais estão ligadas as idéias de virilidade e fertilidade. O fato é que, além dos problemas decorrentes da sexualidade masculina, os homens paraplégicos têm outros, inerentes à sua condição. Talvez por isso a preocupação com a sexualidade seja antecedida pela preocupação com o coito, já que a prática desse os mantém inseridos no ‘universo masculino’.

Salimene (1995), que investigando a sexualidade dos paraplégicos se deparou com os estereótipos da masculinidade, afirma que os portadores de paraplegia necessitam de ajuda na reconstrução de sua identidade sexual, apontando a elaboração de uma nova imagem corporal, recuperação da auto-estima e reconstituição da identidade sexual como pontos necessários para isso.

Para Salimene, a visão da sexualidade masculina como instrumento de dominação e poder prejudica de modo mais severo os portadores de deficiência. Em defesa dos últimos ela argumenta que, se as limitações físicas e funcionais são inegáveis, deve-se compreender a sexualidade em sentido amplo, e que as emoções que marcam a existência dessas pessoas permanecem.

Melo (1986) argumenta que a deficiência agride o conceito de fortaleza do homem deficiente e se agrega à condição de homem. Neste painel, aponta a importância de se pensar a potência sexual, perdida total ou parcialmente por inúmeros deficientes, que chegam a eliminar as experiências sexuais de suas vidas.

Com isso nos encontramos entre duas perspectivas para situar o homem paraplégico e a sua sexualidade. Uma carrega as marcas da representação tradicional de homem e masculinidade, com a sexualidade que lhe corresponde. A outra aponta a possibilidade de uma transformação desta imagem através da crítica.

O fato é que os paraplégicos tiveram a sua identidade masculina construída sob a égide da representação tradicional, e se as suas condições lhes apontam o lugar paradigmático de uma masculinidade que prescinde da violência e de manifestações machistas, tendo no afeto sua principal arma de sedução, tal representação não é reconhecida socialmente como alusiva à masculinidade. Resta-lhes, pois, mirar-se na imagem tradicional, ainda que mítica e absurda, e suportar a angústia da perda de algo que nunca se teve e ao qual nunca se assemelhou. Como afirma o paraplégico Marcondes (1994, p.165), “há algumas pequenas mudanças”. Essas “pequenas mudanças” fizeram parte da experiência de Juca, nosso colaborador neste trabalho, cujo **objetivo** foi descrever como seu corpo é representado e o impacto da lesão medular na masculinidade.

MÉTODO

Este trabalho analisou a **história de vida** de um homem portador de paraplegia adquirida, recolhida através de três entrevistas semi-estruturadas que resultaram em um estudo de caso. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas pelo investigador, tendo como referência teórica de fundo as elaborações psicanalíticas.

O procedimento de análise deu-se praticamente em todas as etapas de obtenção das informações, sua transcrição, digitação e leitura, quando relações entre diferentes trechos das entrevistas, ou hipóteses interpretativas ocorriam ao investigador e eram discutidas com o colaborador, anotadas, transformadas em notas de rodapé do material transcrito e retomadas posteriormente.

A formalização contemplou temas que emergiam dos relatos de Juca, sem que nenhuma definição prévia fosse proposta, levando ao agrupamento de trechos das entrevistas sob a rubrica comum, num total de 44 temas. A leitura e reflexão deste material suscitaram a definição de nove categorias temáticas. Recorreu-se neste momento, como orientação geral, as indicações feitas por Gomes e Araújo (1998) a propósito do **método fenomenológico**, que são referenciados, ainda que o rigor não permita caracterizar essa pesquisa como fenomenológica.

Neste trabalho são apresentadas as duas categorias ligadas diretamente à masculinidade. Em função do espaço disponível, optou-se por relatar o material produzido pelo colaborador, mantendo-se aberta a disponibilidade de oferecimento do material completo aos interessados, através do endereço eletrônico do pesquisador.

O colaborador: Juca e sua história

Juca nos contou sua história de vida em três entrevistas, quando tinha 26 anos. Disse que viu seu corpo formar-se na lida, que herdou como amigos os filhos dos amigos dos pais, que bebeu de uma cultura de raízes sertanejas e obediente aos ciclos da natureza, e que foi vítima de um tiro que lhe atingiu a coluna vertebral, em uma atividade que historicamente praticara como divertimento, uma briga, que neste caso específico, resumiu-se a insultos verbais alusivos à masculinidade do oponente e que nem chegou as vias de fato. Esse tiro provocou grandes alterações em seu corpo biológico e na sua maneira de se posicionar em relação ao mundo, a vida, as pessoas e a própria sexualidade.

O Exercício da Sexualidade

As representações de Juca relativas ao exercício da sexualidade demonstram desconforto em falar sobre sua vida sexual anterior à deficiência: o antes é marcado pelo cansaço, causado pelas posições sexuais que ele fazia e sentia como propiciadoras de gozo. Ele valoriza a experiência atual e destrói a recordação da anterior. Essa forma de agir revela aspectos defensivos contra uma comparação com ele mesmo.

A masturbação é uma prática negada por Juca e isso é contraditório com a sua afirmação de que as pessoas deficientes devem procurar outras formas de obter prazer. As funções intactas parecem fazer o papel das funções perdidas: São os olhos, o tato e olfato que

contam que houve gozo, após examinarem o esperma ejaculado. A pressão que sobe à cabeça, por sua vez, ajuda os olhos, acusando o sinal do término da relação sexual quando não ocorre a ejaculação: há uma associação entre ejaculação/gozo e alívio da tensão.

O prazer proporcionado à parceira é o grande prazer, e com ele a satisfação narcísica de reconhecer-se amado/desejado. Seu relato mostra que o prazer experimentado não espelha sensações viscerais, mas uma natureza psíquica. O fato de proporcionar isso à parceira é sentido como o resgate de parte importante da representação de homem com a qual se construiu, com seus atributos de potência e virilidade.

Juca responde quando é indagado sobre como é sua vida sexual por uma mulher em situação pública: a sua resposta revela dois olhares distintos e contrastantes. No primeiro, o da mulher, fica evidente a redução ou negação da sexualidade das pessoas com deficiências físicas. A resposta de Juca com a descrição do ato, com sua mulher por cima, remete à visão do corpo da mulher unido ao do homem em posição semelhante à descrita por Pecci (1980) como extremamente prazerosa.

Há uma adaptação, sem dúvida, e um cuidado para que o ato sexual ocorra sem transtorno, ainda que fique um pouco sobre o corpo da parceira. De qualquer modo, o que salta é a angústia presente no ato, já que o mesmo corpo que pede alguma coisa é um empecilho para que isso ocorra, podendo cair – de fato e metaforicamente, acabando com a relação.

Ficar por cima da parceira é significativo, pois remete a uma ‘imagem’ masculina quase arquetípica que, de acordo com Carvalho (1995), mostra o homem como guerreiro, desfrutando da sua conquista. Nesse sentido, situa Juca no universo masculino como cumpridor do papel histórico que lhe foi delegado.

A referência às posições sexuais confirma o suporte cultural oferecido por material impresso, como revistas eróticas, e a idéia de que há um modo certo (com variadas posições) de fazer um bom sexo. Assim, sob essa concepção, o andar e, conseqüentemente, as pernas possuem um caráter erógeno significativo, na medida em que possibilitam o exercício dessas posições. A falta dessas posições é considerada uma desvantagem por Juca, em que o olhar do outro – no caso o social/externo – se manifesta internalizado tal como um preconceito contra si mesmo, por não poder fazer sexo como acredita que seja o modo certo (ou bom) de fazê-lo.

Na referência às posições sexuais, Juca mostra uma vida sexual anterior à lesão, que já havia mencionado com alguma relutância, como que tentando colocar em evidência a atual, que é a de que dispõe. A apologia da situação atual mostra-se defensiva.

No caso de Juca, o gozo (orgasmo), sentido ou não, é anunciado pelo sêmen que escorre, que se pega e se sente com as mãos, narinas e olhos, e que lhe dizem de um prazer reminescente, subjetivo. Outros órgãos atestam a sua presença.

A primeira ejaculação representou para Juca o próprio paraíso depois do inferno. Em contrapartida, foi o marco inicial do incômodo que sente nas vezes em que não ejacula e em que sente subir uma pressão na cabeça. Quando algo se acrescenta, a ejaculação que se imaginava perdida, algo se mostra em falta: há a ereção, o ato, o afeto, o esforço do corpo todo, mas não há a conclusão com a ejaculação/gozo a cada relação sexual.

Juca fica ‘doido’ e isso revela duas coisas: a primeira, é que está tomado pelo desejo; a segunda, que a perspectiva de não encontrar a conclusão do ato sexual com a ejaculação o angustia e desespera. São evidentes o aumento da tensão/desejo e a falta de uma saída para descarga. Juca estaria, nas situações em que não ejacula, desprovido do prazer final, com a excitação produzida no momento de pré-prazer (Freud, 1905) retida, uma vez que há em seu discurso indicações de que ele representa a liberação da libido como a liberação do esperma, o **‘trem’** que não sai e que lhe parece a causa de pressão. A sexualidade é vivida por Juca como uma necessidade orgânica, o que não é de se estranhar, dados seus vínculos com a natureza. Nessas situações Eros não encontra o corpo.

Juca reconhece as mudanças que se processaram em sua vida e que novas formas de obter carinho devem ser procuradas. No seu caso específico, parece que a visão da ejaculação, o tato das mãos no momento em que ele pega o sêmen e o olfato, desencadeiam a sensação de prazer/satisfação ou contam que ele (ou algo) aconteceu, acrescentando algo além ao pré-prazer pensado por Freud.

Como observado por diversos autores, (Maior, 1988), Vash, 1988, por exemplo), as pernas, subtraídas pela lesão que as colocaram na imobilidade e insensibilidade, nos sonhos de Juca aparecem integradas ao corpo. São objetos/membros que possibilitam um gozo sexual maior. São erógenas e anestesiadas. São fantasmas e ao mesmo tempo uma zona erógena no corpo representado, um órgão (no sentido de membro) sexual.

Nos seus sonhos realiza desejos: restaura o corpo e satisfaz os desejos/fantasia, o que permite pensar em uma vivência psíquica do orgasmo que às vezes lhe falta. O andar surge erotizado, quase como um falo que possibilita o bom gozo das posições sexuais experimentadas ou fantasiadas. Essas posições, agora que relegadas à imaginação, são fantasiadas como propiciadoras de um gozo mais intenso do que aquele que se tem. Mostram-se mais potentes para gerar gozo do que de fato o são. Como um falo que não é um objeto, mas um ato, passível de exposição pela fusão dos verbos gozar e andar, ‘gozandar’, cuja conjugação na primeira pessoa do presente do indicativo seria: **eu gozANDO**.

A MASCULINIDADE

As representações de Juca sobre a masculinidade remetem à idéia tradicional. Se a briga que o vitimou pode ser considerada como uma de suas atividades de lazer, isso em nada atenua ou afasta a associação de masculinidade e violência. Após a lesão essas representações são colocadas em dúvida, quando afirma que em uma briga ninguém se bate, mas também se apanha. .

As brigas eram para Juca um exercício de masculinidade e também uma espécie de exibição: destinada às fêmeas, em quem os solteiros estavam interessados, mas também ao público masculino, no qual veria refletido, sob a forma de respeito, a sua força e valentia. Juca afirmou que as brigas são próprias dos solteiros e que talvez sua vida fosse diferente se tivesse casado antes. Tal afirmação remete a duas idéias: a primeira é a de que o casamento traz juízo e sossega o homem, e a segunda coloca as brigas como instrumento de conquista. Assim, a mulher ‘ajuizadora’ era o objeto/prêmio do ato ‘desajuizado’ de brigar.

Para Juca, o homem nasce macho e o gênero parece ser uma dádiva da natureza, que se manifesta à cultura no momento de nascimento de uma criança. Tal concepção quando aplicada aos homens determina não somente o sexo biológico como também o gênero. Isso tem por consequência uma rigidez na forma de pensar a sexualidade, em que a construção social e histórica do gênero são negadas na exuberância biológica do genital exposto no nascimento.

Juca contrapõe dois tipos de homem: o ‘amante à moda antiga’ em que o carinho precede o sexo. O romantismo aparente camufla a concepção de que existe um modo bom ou certo de fazer amor ou sexo, uma certa metodologia que leva a resultados seguros, mas que na prática acaba por sobrepor-se ao desejo dos parceiros. O outro é o homem bruto, que só quer sexo.

O primeiro gozo/ejaculação após a lesão, parece ter sido percebido como a restauração da masculinidade, que passa a ser atestada pela ereção, penetração e ejaculação. O temor de não responder mais assim foi o que o fez sentir-se humilhado e envergonhado diante da ajuda da parceira empurrando sua cadeira de rodas. Sua exigência era apresentar-se como o parceiro amoroso, de quem se podia esperar a força e a virilidade. A fragilidade precisava ser ocultada, na medida em que o afastava da sua idéia de homem e que imagina ser a de sua namorada. Para aceitar que a namorada tome a dianteira, Juca precisa aceitar a sua condição de deficiente físico, com algumas capacidades limitadas.

Essa aceitação permite um re-posicionamento diante do que considera masculino. Com isso, o homem ‘bruto’, movido por alta resposta sexual, cedeu lugar ao ‘amante à moda antiga’, que dá vez ao afeto, ao próprio e o da parceira, o que permitiu re-significar os gestos de ajuda da namorada, não como algo que humilha e envergonha, mas como uma demonstração de que ele é desejável como homem e parceiro sexual. Isso não só atenuou a sua visão estereotipada de masculinidade como possibilitou a renúncia em ‘ser o homem da casa’, no sentido de tomar a dianteira nos empreendimentos do casal, já que a mulher, que ocupa esse lugar, o reconhece como homem para si. Juca pode então ser outro homem, sem demonstrações físicas de virilidade, mas digno, respeitador, que reconhece o outro, para quem a sexualidade permanece

importante e inclui o afeto pela mulher que ama. Ele é homem porque uma mulher o coloca neste lugar.

CONCLUSÕES

As principais conclusões apontam para o corpo erógeno de Juca como um corpo que faz sexo e uma nova forma se posicionar frente à masculinidade.

Um corpo que faz sexo

Juca faz sexo e o faz de seu jeito. A experiência anterior à paraplegia é desvalorizada em detrimento da atual, ainda que persista a vontade de que ela se apresente com o que ele considera sexualidade normal/tradicional. As práticas sexuais anteriores a sua lesão medular, como as variadas posições sexuais são sentidas como perdas.

Por outro lado há a valorização das áreas do corpo cuja sensibilidade está preservada, o que constitui para Juca o seu corpo erógeno: as partes visíveis e sensíveis do seu corpo. Sem oferecer pistas que permitam a constatação da comoção corporal da corporeidade, Juca relata o orgasmo, decorrente da ejaculação preservada, constatada não pelas suas manifestações viscerais, mas por outros órgãos de sentidos. (visão, olfato, tato), o que é percebido como alívio de tensão sexual produzida pelo ato.

A importância da ejaculação está em atestar que a relação levou ao prazer, mas esse é também desfrutado pela visão do corpo de sua parceira desfrutando do seu, em uma equação que mostra que o gozo é o experimentado pelo objeto que conta o corpo deficiente como desejável e o funcionamento normal da sexualidade polimorfa, principalmente a pulsão escopofílica. Juca mostra que a via da genitalidade é um pequeno caminho entre tantos outros que os humanos têm em termos de trocas afetivas.

Em Juca o desejo parece que ganha uma materialidade ou se concretiza na ejaculação que força uma saída. O fracasso o transforma em dor, na forma de pressão que sobe à cabeça. Metaforicamente diríamos: Eros não flechou Narciso (o corpo) e constitui-se por isso na voz que retorna como Eco e perturba a cabeça.

Um corpo masculino

O sentimento de masculinidade de Juca anterior à lesão medular sustentava-se em um modelo externo, no reconhecimento dessa condição por outro. Nesse contexto as brigas eram demonstrações para confirmação dessa condição, numa busca do que considerava certo e próprio de seu gênero, como uma forma de positivar a sua masculinidade. A distinção feita por Juca entre dois tipos de homens, o bruto e o amante à moda antiga, descrevem o mesmo homem: ele mesmo em dois períodos distintos. Se a forma de abordar as mulheres difere nos dois casos, em ambos o ato sexual é visado e visto como uma característica definidora da condição de homens e virilidade.

A mudança de posição, de ‘bruto’ para ‘amante à moda antiga’ indica no caso de Juca uma ‘virilidade emocional, que implicou no reconhecimento de suas fragilidades e afetos. Ocorreu com isso uma atenuação da sua visão estereotipada de masculinidade e constitui-se a partir daí em um lugar que se ocupa quando uma mulher o coloca neste lugar.

Parodiando Beauvoir, diríamos: Ninguém nasce homem: torna-se homem. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que o macho humano assume no seio da sociedade. Somente a mediação de outrem pode constituir um sujeito como um Outro. Um homem é homem por causa da mulher.

Discussão: O que se pode aprender com Juca sobre a sexualidade masculina

Como Juca, o homem comum é desviante em relação às representações tradicionais da masculinidade, sob a qual foram criados e penosamente tentam se assemelhar com um arremedo grotesco. O homem comum também coloca entre ele e o mundo sua representação de masculinidade, sujeitando-se às desvantagens a que estão submetidos os que não se assemelham

aos heróis míticos desbravadores da natureza ou os modernos, representados por artistas, atletas e empresários bem sucedidos tratados pela mídia como mensageiros messiânicos. Nesta analogia o corpo perfeito já não representa um instrumento de dominação, mas um troféu ostentado pelos que exercem o poder político-econômico. Desviante dessa condição, a violência é uma oportunidade para reafirmar-se como homem perante seu grupo.

Da mesma forma que Juca, parece que a maioria dos homens acredita em uma forma certa de exercer a sexualidade, que é derivada da representação tradicional de masculinidade. Ao fazer-se sexo visando o modo “certo de fazer” dos outros, perde-se a oportunidade de uma experiência singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, L.B., GOMES, W. Adolescência: expectativas em relação aos efeitos do álcool. In: GOMES, W. (Org.). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. (pp. 97-134). Porto Alegre, RS, Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. (Vol.1) Rio de Janeiro, Nova Fronteira (s/d)

CARVALHO, R.P. *Sexo e casamento: o natural e o obrigatório: uma história de guerreiros e escravos*. São Paulo, Iglu, 1995.

CORIA, C. *O sexo oculto do dinheiro: formas de dependência feminina*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, 1996.

COSTA, M. (Org.) *Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos*. São Paulo, Editora Gente, 1994.

DANOFF, D.S. (1998) *Superpôntência* Rio de Janeiro, Record.

FARO, A.C. M. *Estudo das alterações da função sexual em homens paraplégicos*. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem/ USP, São Paulo, 1991

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: ESB, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 1972.

GABEIRA, F. Machismo. In: COSTA, R. P. *Macho Masculino Homem* (pp. 11-17). São Paulo, L&PM, 1986.

LAMM, S. e COUZENS, G.S. *A Solução Viagra: a cura da impotência*. Rio de Janeiro, Record, 1998.

MAIOR, I.M.M.L. *Reabilitação sexual do paraplégico e tetraplégico*. Rio de Janeiro, Revinter, 1988.

MARCONDES, R. *No silêncio do sexo*. Rio de Janeiro, Record, 1994.

MELO, C.P. Reflexão sobre o homem e a deficiência física. In: COSTA, R.P. *Macho Masculino Homem* (pp.79-83). São Paulo, L&PM, 1986

MOOR, L. *Elementos de psicologia médica*. Barcelona, ES, Toray, 1973

NOLASCO S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001

PECCI, J. C. *Minha profissão é andar*. São Paulo, Summus, 1980

SALIMENE, A.C.M. *Sexo: o caminho para a reabilitação*. São Paulo, Cortez Editora, 1995

SANTOS, J.F. Tensão Pós-Macha, in: *Jornal do Brasil, Caderno de Domingo*, 26 Rio de Janeiro, 17/03/2002.

VASH, C. (*Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1988.

Luiz Carlos Avelino da Silva: luizavelinoyahoo.com.br
Paulo Albertini: albertin@usp.br